

Oliveira Salazar		<p style="text-align: right;">1932</p> <p><i>A ditadura não é nem será um regime eterno. Pelo contrário, o Governo vai fazer o possível para se entrar numa fórmula nova, mas sem se voltar ao passado. Caminhamos para um Estado Novo, com toda a segurança, e só com a ordem nos espíritos e nas ruas poderemos atingir o fim que temos em vista. Se a nossa atitude é esta, porque não vêm ao nosso encontro todos os portugueses?</i> (Carmona)</p> <p style="text-align: center;"><i>Vamos devagarinho, passo a passo...</i> (Salazar em entrevista a António Ferro)</p> <p><i>Um equilibrado nacionalismo que se inspira no destino histórico na Nação portuguesa e nos princípios da verdadeira ciência social</i> (Salazar)</p> <p><i>Pesam sobre nós as velhas teorias financeiras, os absurdos conceitos económicos, em nome dos quais o homem é escravo da plutocracia, da usura, do Estado</i> (Rolão Preto)</p> <p><i>Por uma democracia em que desapareçam não só os despotismos centrais mas também os despotismos privados, aquela em que a liberdade abstracta se transforme em liberdades concretas, em que a igualdade tenha uma base e um sentido económico, em que a fraternidade não morra como uma ave ferida, nos silveirais das fronteiras</i> (Domingos Monteiro)</p>
<p>Morte de D. Manuel II, governo de Salazar e nacional-sindicalismo</p>		

● **O admirável mundo novo** (Aldous Huxley). No ano da morte de D. Manuel II, do começo da publicação da revista *Esprit*, onde se congregam os aderentes ao personalismo de Emmanuel Mounier, salientem-se Quirino de Jesus *Nacionalismo Português*; Domingos Monteiro, *Crise do Idealismo na Arte e na Vida Social*; e Francisco D'Athayde Faria Maia, *Em Prol da Descentralização*. Neste ano, António Sérgio, na *Seara Nova* de 28 de Abril, considera: *o que importa não são as ideias de que cada um se apropria, mas sim o uso que delas se faz. Limitar-se a tomá-las é uma ingenuidade imbecil; empregá-las com originalidade é uma acção de talento*. Já na Faculdade de Direito de Lisboa, o sociólogo francês Paul Descamps, da Escola Social de Le Play, orienta um *Curso de Método Social*, conciliando o positivismo com o emergente corporativismo. Surge a Exposição Industrial Portuguesa no Parque Eduardo VII, em Lisboa, e é criada uma *União dos Combatentes Republicanos* com um Comité Supremo Político, dirigido por Bernardino Machado, Afonso Costa, José Domingues dos Santos e Francisco da Cunha Leal, não se concretizando uma frente única da

oposição, da iniciativa de Francisco da Cunha Leal e de Catanho de Meneses, elementos não integrados na Aliança Republicana e Socialista. O Movimento Nacional-Sindicalista, chefiado por Francisco Rolão Preto, surge também em 1932, apesar de apenas atingir o seu auge no ano seguinte. Destaque, finalmente, para a tese de doutoramento de Vitorino Nemésio, *A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio*, enquanto o episcopado português lança a Acção Católica, oficialmente aprovada em 1933, e o padre Joaquim Alves Brás promove a *Obra de Providência e Formação das Criadas*, a *Obra de Santa Zita* ou *Zitas*. Realiza-se a Exposição Industrial Portuguesa, promovida pela AIP, em 1932-1933 e o ministro Cordeiro Ramos, em 19 de Março, elenca 113 frases morais e patrióticas que devem ser incluídas nos livros a adoptar pelo sistema de ensino...

● **Denúncia do totalitarismo** Já Aldous Huxley, em *Brave New World*, salienta que *não há nenhuma razão [...] para que os novos totalitarismos se pareçam com os antigos*, dado que num *Estado Totalitário verdadeiramente eficiente será inútil o constrangimento*, pois todos *terão amor à servidão*, além de que *os maiores triunfos em matéria de propaganda, foram conseguidos, não com fazer alguma coisa, mas com a abstenção de a fazer. Grande é a verdade, mas maior ainda, do ponto de vista prático, é o silêncio a respeito da verdade*. Neste ano há, em todo o mundo industrializado, cerca de trinta milhões de desempregados, dos quais seis milhões estão na Alemanha e três milhões na Grã-Bretanha. A própria França, que até então se preservara dos efeitos mais gravosos da Grande Depressão, começa a ser marcada pelo espectro da crise. Enquanto isto, o socialista espanhol Salvador Madariaga publica *España*, onde considera que *a psicologia, a geografia e a história determinam uma evolução ibérica para Portugal. Mas Portugal preferiu uma vida precária debaixo da aliança inglesa, esquecendo que não existem alianças entre um muito débil e um muito forte*. O mesmo autor considera que *o português é um espanhol com as costas voltadas para Castela e os olhos no Atlântico*. Até porque, *para Portugal teriam valido mais três séculos de guerras civis contra os castelhanos do que esta sua independência meramente nominal, sob a soberania de Inglaterra*. Aliás, em 1917, Alfonso XIII chegou a considerar Lisboa como um porto natural do Atlântico, destinado à *Grande España*, valendo-nos a postura de um Miguel Primo de Rivera que proclamou: *sou um grande amigo de Portugal, mas um inimigo sincero do iberismo. Irmãos, sim, mas vivendo em casas diferentes*.

● Toma posse o **Conselho Político Nacional** (13 de Janeiro).

● **Bissaia Barreto**, membro influente da maçonaria, ex-deputado da Constituinte de 1911 e activista da União Liberal Republicana, adere à União Nacional, assumindo-se como um dos mais influentes conselheiros de Salazar, mas sem nunca trair as solidariedades maçónicas (Janeiro).

● **Frente Única da Oposição**. Surge uma proposta não concretizada, da iniciativa de Francisco da Cunha Leal e de Catanho de Meneses, elementos não integrados na Aliança Republicana e Socialista.

● **Comunistas** – Francisco de Paula Oliveira Júnior, dito *Pavel* (1908-1993), destacado e mítico militante do PCP, aparece como secretário da Federação da Juventude Comunista Portuguesa, depois da prisão do anterior líder do movimento Bernard Freund,

dito *René*. Também neste ano desloca-se à URSS Miguel Russell para participar no I Congresso do Socorro Vermelho.

● **Movimento Nacional-Sindicalista** – Surge o jornal *Revolução* (15 de Fevereiro), intitulado *diário académico nacionalista da tarde* que, a partir de 14 de Março, passa a ter Rolão Preto como director, transformando-se, desde Maio, no órgão do nacional-sindicalismo. Aí se publicam vários textos e poemas de Fernando Pessoa.

● O movimento, chefiado por Francisco Rolão Preto, atinge o seu auge em 1933, sendo proibido em Agosto de 1934, antes de tentar um golpe de Estado em Setembro de 1935. Conhecido como o movimento das *camisas azuis*, constitui a forma mais similar ao fascismo, ocorrida entre nós.

● **Moncada**, um aderente, reconhece que o movimento *não passou de um epifenómeno*

de superfície como o da fosforescência de certas vagas no mar, marcado pelos ventos soprados da Itália e da Alemanha, com uma grande confusão de ideias e de sentimentos.

•Dominam-no jovens estudantes, quase todos provindos do integralismo e quase todos de direito.

•Entre os colaboradores do jornal, Amaral Pyrrait, António Lepierre Tinoco, Dutra Faria, António Pedro, Júlio de Castro Fernandes, Fernanda de Castro, Manuel Múrias, Garcia Domingues, João de Almeida, Barradas de Oliveira, Almada Negreiros², Augusto Ferreira Gomes (1892-1953), João Ameal, Teófilo Duarte, Eduardo Frias. Publicam vários textos e poemas de Fernando Pessoa.



•**Jantar dos nacionais-sindicalistas** no Parque Eduardo VII (18 de Fevereiro).

•**Costa Leite** recusa fazer parte do Conselho Superior do Nacional-Sindicalismo *por este*

tomar atitude hostil contra o Dr. Salazar (22 de Fevereiro)

•**Manifestações de sindicalistas** contra o desemprego e a Ditadura (25 de Fevereiro). Em Lisboa, Marinha Grande, Setúbal, Silves e Olhão.

•**Greve geral falhada.** Protesto contra a futura criação do imposto de desemprego comandada pelo PCP e pela sua correia de transmissão, a Comissão Intersindical (29 de Fevereiro).

•**São presos 11 militantes comunistas** em Monsanto, enquanto a polícia começa a detectar a existência de um sistema de células (Abril).

•**Pombal ou a aliança dos tiranos.** Carmona, acompanhado por vários membros do governo visita as obras do Monumento ao Marquês de Pombal, na Rotunda (3 de Maio). Como observava Ramalho Ortigão, em 1882, assim se vê *consignar a estima deste povo pelo charlatanismo dos seus tiranos.* Criticava o projecto de estátua do marquês e propunha que se retirasse a de D. José no Terreiro do Paço, ficando apenas o cavalo: *o único que merece continuar a contemplar Cacilhas...*

•Discurso de Mário **Pais de Sousa** (ministro do interior) em Leiria: *a República será democrática e representativa.* (15 de Maio).

•**Criada a Federação Nacional dos Produtores de Trigo** (28 de Maio), por acção do ministro Linhares de Lima que, no decreto instituidor reconhece que *a lavoura portuguesa vive em crise permanente. Porque os preços aviltam-se, na abundância por falta de procura e de crédito, na escassez, por crédito fácil, antecipado e solícito. A causa fundamental da crise é apontada: na desordem, na desorganização, no isolamento em que a lavoura vive, e que o intermediário fomenta e aproveita, reside a principal causa da irregularidade nos preços e nas vendas.*

•**Governo nº 102 de Salazar** (13 233 dias, desde 5 de Julho). Nomeado presidente do ministério, Salazar será exonerado e nomeado presidente do conselho em 11 de Abril de 1933. Voltará a ser nomeado e exonerado presidente do conselho em 18 de Janeiro de 1936.



•São ministros deste primeiro gabinete: Albino Soares Pinto dos Reis (n. 1888), Manuel Rodrigues (*Zé povinho de capelo e borla*), Daniel Rodrigues de Sousa (n. 1867), Aníbal de Mesquita

Guimarães², Armindo Rodrigues Monteiro, César de Sousa Mendes do Amaral Abrantes, Duarte Pacheco, Sebastião Garcia Ramires (n. 1898) e Gustavo Cordeiro Ramos (1888-1974).

•**Os homens são outros** – No discurso de posse, declara: *os homens são outros, o Governo é o mesmo.* Salieta, aliás, que *nem todos os processos políticos servem para todos os tempos ou para todos os povos: os homens de governo têm, necessariamente, de actuar segundo o seu modo de ser e segundo as realidades do momento.* Do anterior gabinete, apenas transitam Armindo Monteiro (colónias) e Cordeiro Ramos (justiça).

•**Misantropia** – Salazar vive então na Rua do Funchal, nº 3, *uma governanta idosa tomava conta da casa; adoptara uma pequenita, que lhe servia de companhia, e*

tratava da sua educação... Raramente saía sem fim oficial (Rocha Martins).

● **A personalização do poder** – Salazar, a partir de então nunca mais será nomeado e exonerado, apesar das diversas remodelações, substituições de ministros e tomadas de posse de Presidentes da República, até ao decreto de 27 de Setembro de 1968, onde Américo Tomás o exonera da chefia do governo, por *continuar muito gravemente doente e estarem perdidas todas as esperanças, mesmo que sobreviva, de poder voltar a exercer, em plenitude, as funções do seu alto cargo*. Entre outras curtas interinidades, assinala-se que será ministro interino da guerra de 11 de Maio de 1936 a 6 de Setembro de 1944; ministro interino dos negócios estrangeiros de 6 de Novembro de 1936 a 4 de Fevereiro de 1947; ministro efectivo da defesa nacional, de 13 de Abril de 1961 até 4 de Dezembro de 1962.

● **Bernardino Machado** instala-se na Galiza (30 de Maio), donde será afastado em 4 de Dezembro de 1934. Passa a residir em Madrid em 7 de Novembro de 1935 e vai para França em 30 de Outubro de 1936. Em carta escrita a Afonso Costa, a partir de Biarritz, reconhece que *a maior parte dos republicanos galardoados com postos e missões importantes...dissimulam-se egoisticamente, cheios de medo, para não perderem os benefícios das suas situações*.

● Criada uma **União dos Combatentes Republicanos** com um Comité Supremo Político, dirigido por Bernardino Machado, Afonso Costa, José Domingues dos Santos e Francisco da Cunha Leal.

● **Sessão nacional-sindicalista** no São Carlos (16 de Junho). Começa a publicar-se em Faro o semanário *O Nacional-Sindicalista*, onde colaboram J. D. Garcia Domingues e Luís Forjaz Trigueiros.



● **Diário Liberal** – Em 1 de Julho e até 31 de Dezembro, publica-se o *Diário Liberal*, dito *jornal republicano da manhã*, que tem por lema, *pela liberdade, pela república, pelo povo*, sendo dirigido por Evaristo de Carvalho (1865-

1938). Numa segunda série, vai de 1 de Janeiro a 29 de Dezembro de 1933. Fazem parte do conselho político do jornal, Mário de Azevedo Gomes, Hernâni Cidade²⁷ e Joaquim de Carvalho, nele colaborando Brito Camacho, Henrique de Barros, Aquilino Ribeiro, António Sérgio e Armando Cortesão.

● **Morte de D. Manuel II**, na sua residência de Fullwel-Park, Twickenham, nos arredores de Londres. É causada por uma simples infecção de garganta, a qual não foi atacada em tempo oportuno por adequada intervenção médica (2 de Julho). Chegam a Lisboa os restos mortais do nosso último monarca, transportados pelo cruzador britânico *Concord* (2 de Agosto). A morte do rei, no exílio inglês, coincide com a ascensão de Salazar à chefia do governo, e no primeiro conselho de ministros do mais longo gabinete da história portuguesa, o novo chefe decide promover funerais nacionais ao falecido. Assim *enterra* a monarquia em Portugal, dado que D. Manuel II poderia ser o seu principal opositor, principalmente se estivesse vivo no dia seguinte ao fim da II Guerra Mundial, onde toda a oposição democrática, com o eventual apoio dos Aliados, poderia desencadear uma restauração tanto da monarquia como da democracia, à semelhança do que o anti-franquismo espanhol fez com D. Juan de Borbón, o conde de Barcelona, exilado no Estoril.

● **Entre integralistas e manuelinos** – O lugar-tenente João de Azevedo Coutinho, logo favorece a ascensão de D. Duarte Nuno (2 de Julho). Rocha Martins, o jornalista monárquico que não apoia a chamada de D. Duarte Nuno, considera que se encontra entalado entre os integralistas e os antigos monárquicos constitucionais, dizendo que *estes estão, quase todos, dependentes do emprego público, da banca, dos Governos. A nobreza mantém-se no seu pedestal; alguém negociava, mas embrulhava-se nos pergaminhos. Para o povo, um duque ou conde não tinham significado*.

● **Armas na embaixada de Espanha** – Polícia cerca a embaixada de Espanha em Lisboa, depois de descoberto um caixote com armas, enviado directamente ao próprio embaixador, Juan José Rocha (12 de Agosto).

●Decreto aprova os **estatutos da União Nacional** (20 de Agosto), considerada *organização sem carácter de partido e independente do Estado*.

●Anulada a autorização para a **propaganda nacional-sindicalista** e suspenso *Revolução* (Agosto)

●**PCP promove comício-relâmpago** em Alcântara, no chamado Dia Internacional da Juventude, com discurso de Pavel. Corre sangue, morrendo um polícia e de um manifestante (4 de Setembro)

●**Cisão no congresso do nacional-sindicalismo**. Supico Pinto e José Cabral são pela subordinação ao Estado Novo. (Novembro).

●**Católicos contra Rolão Preto** – Há uma forte ofensiva do padre Abel Varzim, a partir do jornal *Novidades*, contra a doutrina do nacional-sindicalismo, nos meses de Outubro e Novembro, numa manobra de claro apoio a Salazar. No ano seguinte, destaca-se outro católico, António Sousa Gomes, então director do *Diário da Manhã*, nessa ofensiva doutrinária contra o grupo de Rolão Preto.

●**Temos uma doutrina, somos uma força** – Discurso de Salazar na sala do Conselho de Estado por ocasião da posse dos corpos directivos da União Nacional (23 de Novembro). Considera que *fora da União Nacional não reconhecemos partidos. Dentro dela não admitimos grupos... nós temos uma doutrina e somos uma força*. Critica indirectamente os nacionais-sindicalistas e apela aos monárquicos e aos católicos. Salienta também que a União Nacional *não é uma união de interesses, não é uma associação de influências, não é uma representação de forças eleitorais*.

●**Sobre os monárquicos** faz uma espécie de enterro dos mesmos, ao dizer que D. Manuel II quando se *podia considerar preparado para ser rei levou-o a morte sem descendentes nem sucessor*, salientando já não haver uma forte corrente doutrinária monárquicos, porque *a essa mística da virtude expressiva da superioridade essencial da forma republicana, não está oposta uma forte corrente doutrinária*.

●**Um resistente manuelino**. Rocha Martins, o jornalista monárquico que não apoia a chamada de D. Duarte Nuno, considera então que se encontra entalado entre os integralistas e os antigos monárquicos

constitucionais, dizendo que estes *estavam, quase todos, dependentes do emprego público, da banca, dos Governos. A nobreza mantinha-se no seu pedestal; alguém negociava, mas embrulhava-se nos pergaminhos. Para o povo, um duque ou conde não tinham significado*.

●**Contra a gafaria moral**. Hipólito Raposo e Luís de Almeida Braga declaram que *não se mata uma causa por asfixia, nem se pode empreender a regeneração nacional com ambiciosos e com trânsugas, gafaria moral de que são feitas, normalmente, as camarilhas dos aduladores*.

●**O fim político da ditadura** – Assim, Salazar podia anunciar *o fim político da Ditadura* e elogiar *alguns homens públicos que tiveram a intuição do movimento e vieram colaborar com a Ditadura*, inventariando-se então os nomes de Bissaia Barreto, Vasco Borges, coronel Vicente Ferreira, tenente-coronel Francisco Velhinho Correia, Alfredo Magalhães, Camarate de Campos e Guilhermino Nunes.

●**Revolução Nacional contra a Revolução Social** – Já sobre os socialistas, Salazar assinala: *os outros organismos operários de carácter revolucionário são hoje dominados pela ideologia bolchevista e trabalhados por agentes estrangeiros. Todos tendem por meio de luta de classes para a revolução social*.

●A Comissão Central da União Nacional é presidida por Salazar, com Albino dos Reis, Manuel Rodrigues Júnior, Armindo Monteiro, António Lopes Mateus, José Antunes Guimarães, Fernando Bissaia Barreto e Joaquim Nunes Mexia. A Junta Consultiva, presidida por Abílio Passos e Sousa, mobiliza Carlos Mira da Silva, Henrique Linhares de Lima, Jaime Afreixo, João Luís de Moura, João Amaral, Joaquim Mendes do Amaral, Joaquim Teófilo da Trindade, João Alberto Faria, João Gabriel Pinto Coelho, Júlio de Carvalho Teixeira, Marcello Caetano, Mário Pais de Sousa e Joaquim Lança.

●Emitido o decreto nº 21 949 com uma **lista dos amnistiados** (5 de Dezembro). Continuam ainda proscritos por dois anos, cinquenta nomes, onde constam os de Bernardino Machado, Afonso Costa, Sousa Dias, Alfredo António Chaves, António Augusto Dias Antunes, Armando Pereira de Castro Agatão Lança, Carlos Vilhena,

Augusto Casimiro, Carlos Frazão Sardinha, Ernesto Pope, Jaime Alberto de Castro Morais, José Sarmento Beires, Pestana Júnior, António Luís, Prestes Salgueiro, Fernando Pais de Teles Ultra Machado, Fernando Augusto Freiria, Filémon da Silva Duarte de Almeida, Francisco Alexandre Lobo Pimentel, Genipro da Cunha de Eça Costa Freitas e Almeida, Jaime Pereira Rodrigues Baptista, João Manuel de Carvalho, João Pereira de Carvalho, José Mendes dos Reis, Manuel Ferreira Camões, Manuel Gregório Pestana Júnior, Manuel Sílvio Pélico de Oliveira Neto e Sebastião José da Costa.

●No mesmo dia, são criados **Tribunais Militares Especiais** em Lisboa e Porto, tendo em vista a punição dos crimes políticos.

●**Salazar passado a António Ferro.** Começam a ser publicadas as entrevistas de Salazar a António Ferro, *Salazar passado a ferro* (de 18 a 24 de Dezembro).

●**Movimentação golpista.** Pimenta de Castro propõe a Domingos Oliveira que este chefia *um golpe de Estado de gente nova da situação contra o actual governo* (21 de Dezembro). Segundo Assis Gonçalves esta gente nova seria constituída por *vicentistas, descontentistas (nacionais sindicalistas) revirahistas (carvalhistas, aragonistas, cunhistas) procuram dar-se as mãos para deitar ainda o seu barro à parede* (21 de Dezembro). Ainda neste mês, Assis Gonçalves sugere a Salazar a constituição de uma *forte policia especial*, enquanto o *Notícias Ilustrado* descobre que Salazar está representado nos chamados Painéis de Nuno Gonçalves.

☞ Anais da Revolução Nacional (III): 162, 177, 188, 197, 200; Antunes, José Freire Antunes (2003): 44, 391, 432, 552; Caetano, Marcello (1977): 47, 52; Cruz, Guilherme Braga da (1975): 802, 803; Cruz, Manuel Braga da (1998): 20; Gomes, Pinharanda (1984): 139, 140; Gonçalves, Assis: 42, 44; Martins, F. Rocha (*A Europa em Guerra*, II): 476, 613, 614, 618, 620, 621, 627, 637; Medina, João: 55, 135; Melo, Gonçalo de Sampaio e Melo (1984): 18 ss.; Moncada, Luís Cabral de (1992): 171, 185; Nogueira, Franco (II): 139, 169, 170, 188; Nunes, Leopoldo: 191; Ortigão, Ramalho (*Farpas*, VI): 148, 149; Peres, Damião (1954): 481, 482, 485; Pessoa, Fernando (*Da República*): 362..

●**O salazarismo triunfante** – Entre 1932 e 1945, o regime vai viver a euforia dos chamados *anos áureos*, marcados pelo autoritarismo, pelo *milagre financeiro*, pela política de obras públicas, pelo proteccionismo económico, pelo lançamento do *Estado Providência* e por uma hábil política de *propaganda nacional*, designada por *política do espírito*, onde se destaca António Ferro, que rouba esta última expressão a uma conferência de Paul Valéry. Vai, em primeiro lugar, repor-se a autoridade do aparelho de Estado, superando-se o neo-feudalismo de várias *forças vivas* que, constituíam verdadeiros *estados dentro do Estado*. Assim, os partidos são proibidos, as forças armadas passam a depender da hierarquia do governo, a Maçonaria é ilegalizada e mesmo a Igreja Católica tem de aceitar o chamado Estado Neutro, não retomando, mesmo depois da Concordata de 1940, alguns dos privilégios que usufruía antes de 1910. O modelo salazarista é essencialmente marcado pelo *primado do executivo*, dado que o formal *presidencialismo bicéfalo* é, na prática, um sistema de *autoritarismo paternalista* do Presidente do Conselho e onde os próprios Presidentes da República não passam de *venerandos Chefes de Estado*, isto é, de meras figuras simbólicas. Curiosamente, o próprio partido único, a *União Nacional*, surge por decreto do Conselho de Ministros, de 30 de Julho de 1930. Contudo, embora a ideologia oficial do regime seja pleonasticamente antiliberal e antidemocrática, a Constituição de 1933, marcada por um programático *corporativista*, não corta todas as ligações formais às tradições demo-liberais, iniciadoras de uma legitimidade, segundo a qual *a soberania reside essencialmente em a nação*. A *Assembleia Nacional* continua a ser eleita por sufrágio universal e directo e não deixa de estruturar-se um sistema de direitos individuais que só a prática política e a legislação ordinária vêm minimizar e, em muitos casos, suprimir. Por seu lado, a *Câmara Corporativa* nunca passa o nível de órgão consultivo de carácter técnico, embora com nomeações feudalizadas pelos favores de políticos, eclesiásticos e capitalistas. Para

além do milagre financeiro, o Estado Novo também envereda por uma política de obras públicas que retoma o modelo de Fontes Pereira de Melo, com construção de estradas, pontes, barragens, bairros económicos e aeroportos, onde se destaca o ministro Duarte Pacheco, concretizando-se um programa que permite o lançamento das infra-estruturas que sustentarão a nossa revolução industrial, a qual, só nos anos sessenta vem a adquirir contornos significativos. No tocante ao fomento económico, abandona-se a timidez liberalista da Primeira República e passa a assumir-se um claro intervencionismo, de acordo com o chamado *Estado-Providência*. Retomando-se o *socialismo catedrático* de Napoleão III e Bismarck que, entre nós, tivera como principal representante Oliveira Martins, estabelece-se um regime de coordenação e disciplina da iniciativa privada pelo aparelho estadual, além de se lançarem as linhas gerais do planeamento. Leva-se também à prática uma ousada *política social* que vence a fome, impõe um efectivo horário de trabalho e promove a habitação social, superando-se a fase da casuística caridade estadual e criando-se, pela primeira vez, um real sistema de segurança social. Marcado pelas doutrinas da encíclica *Rerum Novarum* e pelos modelos da Escola Social de Frédéric le Play, o Estado Novo vai também assumir-se como uma espécie de ecologismo *avant la lettre*, defendendo o *viver habitualmente* de uma sociedade rural e provinciana, adversa ao individualismo e ao industrialismo futuristas, como transparece nos filmes do período, com destaque para *A Aldeia da Roupa Branca* e *O Pátio das Cantigas*. Salazar não se assume como o herdeiro do Marquês de Pombal, mas antes como o detentor da magistratura extraordinária de um principado que suspendeu o regime republicano, onde *o principal dos cidadãos*, mais paternalista do que totalitarista, não passa do tal presidente de ministério que faltou ao rei D. Carlos para fazer regressar a monarquia aos tempos de D. João III, promovendo uma espécie de nova Contra-Reforma comandada por lentes de leis e com uma legião quase missionária de sargentos e bacharéis. Parafaseando o que ele próprio confessou a Manuel Múrias, diremos que é o *Primeiro Ministro de um rei absoluto* que não houve.

